

# Princípios saussurianos na pesquisa em Semântica Argumentativa

Lauro Gomes<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, São Lourenço do Sul, RS, Brasil

**Resumo:** Este artigo visa a explicitar o caminho que Ducrot percorreu para desenvolver um dos projetos fundamentais da linguística de Saussure: o de uma Semântica Linguística. Para tanto, a partir do resgate de noções postuladas pela Argumentação na Língua (ANL), pela Teoria Polifônica da Enunciação (TPE) e pela Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), procura-se mostrar como a Semântica Argumentativa é, em grande parte, um quadro teórico coerente com os princípios saussurianos, especialmente com os postulados que delineiam uma teoria semântica no capítulo intitulado “O valor linguístico”, do *Curso de Linguística Geral*. Na primeira seção, elucidam-se princípios e conceitos da ANL e da TBS e efetua-se uma análise semântico-argumentativa de um miniconto. Na segunda, apresenta-se o aparato teórico-metodológico da TPE e sistematiza-se a distinção entre as noções de *frase*, *enunciado*, *texto* e *discurso*, bem como entre os seus valores semânticos. Por fim, retomam-se os princípios saussurianos necessários à pesquisa em Semântica Argumentativa.

**Palavras-chave:** Linguística saussuriana; Semântica; Argumentação; Discurso.

**Title:** Saussurian principles in Argumentative Semantic research

**Abstract:** This article aims to explain the path that Ducrot took to develop one of the fundamental projects of Saussure's linguistics: that of a Linguistic Semantics. To this end, based on the notions postulated by Argumentation in Language (AL), by the Polyphonic Theory of Enunciation (PTE) and by the Semantic Blocks Theory (SBT), it is intended to show how Argumentative Semantics is, in large part, a theoretical framework coherent with saussurian principles, especially with the postulates that outline a semantic theory in the chapter entitled “Linguistic value”, of the *Course in General Linguistics*. In the first section, the principles and concepts of AL and SBT are elucidated and a semantic-argumentative analysis of a short story is carried out. In the second, the theoretical-methodological apparatus of PTE is presented and the distinction between the notions of *sentence*, *utterance*, *text* and *discourse* is systematized, as well as between their semantic values. Finally, the saussurian principles necessary for research in Argumentative Semantics are resumed.

**Keywords:** Saussurian linguistics; Semantics; Argumentation; Discourse.

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística (PUCRS/EHESS – Paris/França). Professor Adjunto do Instituto de Letras e Artes (ILA-FURG) e Coordenador Adjunto do Curso de Letras-Português (FURG – Campus São Lourenço do Sul). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1302-2693>. E-mail: [gomeslauro89@gmail.com](mailto:gomeslauro89@gmail.com).

## Introdução

Listar explicitamente todos os princípios e conceitos da linguística saussuriana que Oswald Ducrot retomou para construir a Teoria da Argumentação na Língua (doravante, ANL) – juntamente com Jean-Claude Anscombe (1983) – seria um objetivo audacioso demais para se alcançar no âmbito de um artigo acadêmico. No entanto, ao delimitá-lo com o intuito de reconstituir o “caminho” que Ducrot percorreu para desenvolver uma Semântica Linguística – notadamente implícita no *Curso de Linguística Geral* (doravante, CLG), como bem elucidou Barbisan (2016) – o trabalho ganha estatuto de pesquisa bibliográfica exequível para os limites estruturais de um artigo científico. Ele também encontra justificativa no fato de que, no cenário acadêmico brasileiro, ainda pouco se mostrou a importância dos princípios saussurianos para a realização de pesquisas de ponta no âmbito da Teoria dos Blocos Semânticos (doravante, TBS).

São numerosos os trabalhos já publicados que tratam da “presença de Saussure” na ANL, por exemplo. Poder-se-iam citar, com certa facilidade, as pesquisas de Leci Borges Barbisan, de Telisa Furlanetto Graeff, de Lauro Gomes, de Cristiane Dall’Cortivo Lebler, de Tânia Maris de Azevedo, dentre outras. Entretanto, ainda não foram sistematizados os princípios da linguística de Saussure necessários à realização de pesquisas na e pela TBS. O leitor não especializado na área precisa ser informado de que, embora a ANL ainda tenha validade científica para os estudos semânticos, enunciativos e discursivos, a TBS é um dos modelos teóricos mais atuais da Semântica Argumentativa. Por isso, a não adoção de seu arcabouço teórico-metodológico nos estudos e pesquisas da área carece de justificativa plausível. Um retorno à Teoria dos Topoi (TP) poderia significar, por exemplo, uma negação do “arbitrário linguístico”, razão pela qual a TP é um modelo teórico incompatível com a TBS, que se desenvolve em uma “linguística autônoma”<sup>2</sup>.

Desse modo, escolheu-se reconstituir o percurso de Ducrot na linguística de Saussure, em uma ordem que está de acordo com a coerência epistemológica da Semântica Argumentativa, não necessariamente com a ordem cronológica das publicações da área. Isso porque, conforme vai se perceber na primeira seção deste artigo, a TBS é o modelo teórico da Semântica Linguística mais coerente com os princípios saussurianos. Já na segunda seção, apresentam-se princípios e conceitos da Teoria Polifônica da Enunciação (TPE), também fundamentados na linguística saussuriana. Em linhas gerais, aspira-se, neste trabalho, não apenas mostrar a “existência de princípios saussurianos” na Semântica Argumentativa, mas também chamar a atenção do jovem pesquisador da área para a necessidade de conhecer com profundidade tais princípios preconizados pelo mestre Saussure, a fim de respeitá-los na realização de pesquisas teóricas e/ou aplicadas ao exame de corpus.

---

<sup>2</sup> Ducrot (Ducrot; Biglari, 2018, p. 61) denomina a escola liderada por ele e por Marion Carel, atualmente, de “linguística autônoma”. Considera-se interessante salientar que, ao discorrer sobre os objetivos centrais de sua linguística, Ducrot (Ducrot; Biglari, 2018, p. 36) pontua que a “autonomia do discurso tem, parece-me, um grande valor político, moral: ela pode servir, penso eu, para tornar o homem um pouquinho menos escravo dos discursos”.

## A presença de Saussure na ANL e na TBS

Resultado de uma conferência proferida no *Ciclo de Conferências em Estudos da Linguagem: da Linguística do Sistema à Linguística do Discurso* – evento ocorrido entre os dias 18 e 20 de janeiro de 2023 na Universidade Federal do Rio Grande (FURG – Campus São Lourenço do Sul) –, o texto desta pesquisa bibliográfica é introduzido com palavras de Oswald Ducrot extraídas de *Os riscos do discurso* (2018), livro de entrevistas com o autor traduzido para o português por Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. Ao ser interrogado por Amir Biglari sobre *como descobriu a linguística*, Ducrot afirma:

Eu comecei a me voltar para a linguística em 1965, porque eu dava aulas de filosofia num curso preparatório para as escolas de comércio e que tinha a questão do estruturalismo no programa. Para dar aulas sobre o estruturalismo, fui levado a ler Saussure, cuja existência eu ignorava completamente. Fiquei seduzido por esse tema e foi assim que cheguei na linguística: por meio de Saussure (Ducrot; Biglari, 2018, p. 7-8).

Nessa mesma entrevista, Ducrot (Ducrot; Biglari, 2018, p. 24) também pontua que dá “uma importância fundamental à ideia de Saussure, segundo a qual ‘a linguística é o estudo da língua nela e por ela mesma’” e, por intermédio dessa tese, justifica seu rigor metodológico de não tomar nada emprestado de domínios extralinguísticos, quando fala do sistema.

Contudo, é no capítulo intitulado *A semântica argumentativa pode filiar-se a Saussure?*, traduzido por Lauro Gomes e Alessandra da Silveira Bez e publicado no livro *Texto, discurso e argumentação: traduções*, que Ducrot (2020) vai efetivamente esclarecer em que medida a Semântica Argumentativa se fundamenta e também se distancia do projeto saussuriano. Nesse texto, Ducrot situa a Teoria dos Blocos Semânticos como a perspectiva de seu quadro teórico mais coerente com a teoria do valor de Saussure, visto que, para a TBS, “palavras” e até mesmo “frases” não têm sentido em si mesmas. O que essas entidades contêm, em termos semânticos, nada mais é do que uma significação, uma orientação para o seu “futuro discursivo”, isto é, uma indicação para a construção de sentido. Isso porque “o enunciado, tomado como protótipo da entidade linguístico-discursiva” (Ducrot, 2009, p. 12), possui sua identidade apenas em relação a outros enunciados – aqueles pelos quais ele deseja ser continuado. Nas palavras de Ducrot,

Após todas as etapas de meu trabalho, coloquei-me a pergunta: “Sou fiel a Saussure”? Sob diversos ângulos, a resposta seria certamente negativa, mas não no que se refere à noção de valor, que eu sempre quis colocar no centro do meu trabalho em semântica: cada vez que eu falava de uma entidade, sempre tentava caracterizá-la pelo valor que permitia declarar, como o trem Genebra-Paris de 8h45, idêntica enquanto é sempre diferente (Ducrot, 2020, p. 297).

De acordo com o que explica Barbisan (2013), talvez a teoria do valor dê a melhor resposta à pergunta que o mestre genebrino se faz na conhecida e citada *Nota sobre o*

*discurso*, republicada<sup>3</sup> nos *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2012 [2002]), quando se questiona: “em virtude de que operação, de que *jogo* os vários conceitos contidos na língua formarão o discurso?” No entendimento da autora (2013, p. 166-167), “é pelo valor que a língua se torna discurso”, uma vez que “a realidade linguística é fundamentalmente opositiva”. Isso significa dizer que o valor de uma palavra é, precisamente, aquilo que a opõe às outras palavras. Na perspectiva da Semântica Argumentativa, entretanto, será pela “enunciação” e pela “argumentação” que a *língua* (abstrata) se transformará e formará o *discurso* (concreto). São, desse modo, os princípios e conceitos das teorias de Ducrot e Carel que permitirão que se entenda melhor como esse procedimento ou essa “operação” – para usar o termo de Saussure – acontece de forma efetiva.

Na mesma linha do que fizera Roman Jakobson, por exemplo, Ducrot procurou reinterpretar as noções saussurianas de *relação*, especialmente a de *relação sintagmática*. Na primeira conferência proferida na Universidade de Buenos Aires, em 2002 – publicada no livro *La Semántica Argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos* –, Ducrot (2005, p. 11-25) inicia sua reflexão explicando que a ANL é uma aplicação do “saussuriano”<sup>4</sup> à Semântica Linguística na medida em que, para Saussure, o significado de uma “expressão” reside nas relações dessa “expressão” com outras “expressões da língua”. Por essa razão, para pensar a construção semântica de um ponto de vista puramente linguístico, é preciso que se considere que o *significado* (conceito) de cada “peça” (signo) do sistema se constrói, simultânea e paradoxalmente (Saussure, 1975, p. 133-134), a partir de relações de *semelhança* e de *dessemelhança*, tanto com a sua contraparte, o significante (imagem acústica), quanto com todos os outros signos da língua (*langue*).

Todavia, como ao longo de sua carreira profissional Ducrot refutou algumas hipóteses das teses de Saussure, é importante deixar claro que a principal hipótese que ele guarda do mestre genebrino até o momento atual da Semântica Argumentativa é a de que *palavras se referem a palavras*. Ao descrever a conjunção “mas” nela mesma, por exemplo, no fim da década de 1980, Ducrot rejeitou a hipótese saussuriana segundo a qual a relação que as palavras mantêm entre si é uma relação de diferença. A Teoria dos Topoi – principalmente com a noção de *topos intrínseco* – e as descrições lexicais da TBS também abandonaram a referida hipótese de Saussure. Marion Carel, em entrevista concedida a Lauro Gomes e publicada na revista *Signo* em 2019 (p. 219), salienta que a TBS, na mesma linha da ANL, transforma o ponto de vista saussuriano sobre a língua, pois o valor que ela dá às palavras restringe tanto sua organização gramatical quanto sua organização textual. A língua não é um sistema de signos, opondo-se uns aos outros, mas “um sistema de regras sobre o desenvolvimento do discurso” (Carel; Gomes, p. 219). Por conseguinte, a língua-discurso se

---

<sup>3</sup> É importante recordar que a *Nota sobre o discurso*, de Saussure, já fora publicada nos anos 1970, no livro *Les mots sous les mots* (Starobinski, 1971).

<sup>4</sup> *Saussurianismo* é o termo que Ducrot (Ducrot; Schaeffer, 1995, p. 34-41) empregou para fazer referência à linguística desenvolvida por Saussure. Nesse citado *Dicionário enciclopédico de ciências da linguagem*, Ducrot distingue e sistematiza diferentes escolas da Linguística, dentre as quais estão, por exemplo, a “linguística histórica”, a “glossemática”, o “funcionalismo”, o “distribucionalismo”, a “linguística gerativa”, o “saussurianismo” etc.

torna antes de mais nada, um lugar pleno de intersubjetividade, um lugar no qual o locutor não apenas encontra outrem, mas também, pela alteridade constitutiva, confronta-se com a sua própria imagem.

Desse modo, insatisfeitos com a noção saussuriana de “relação entre signos”, Carel e Ducrot (2005) propõem considerar como relações semanticamente pertinentes as *argumentativas*, também chamadas, nos termos da TBS, de *encadeamentos argumentativos* ou simplesmente *argumentações*. Para esses semanticistas, *encadeamentos argumentativos* são sequências de dois segmentos unidos por um conector do tipo de *portanto* (fr. *donc*; = DC =) ou do tipo de *no entanto* (fr. *pourtant*; = PT =). No primeiro caso, formam-se argumentações *normativas*, a exemplo de *Pedro é rico, portanto é feliz; Pedro é feliz, porque é rico e se Pedro é rico, então é feliz*. Já, no segundo, formam-se argumentações *transgressivas*, a exemplo de *Pedro é rico, no entanto não é feliz; embora seja rico, Pedro não é feliz; ainda que Pedro seja rico, não é feliz*. Também são argumentações as justaposições sem conector explícito, como *Pedro é rico. Ele tem muitos amigos*. Trata-se, neste caso, de um encadeamento argumentativo *normativo*, com “portanto” implícito.

Segundo essa perspectiva teórica, o *sentido* de uma entidade linguística é definido, então, como um conjunto de encadeamentos argumentativos associados pela língua à própria entidade. O encadeamento argumentativo é a unidade básica de sentido ou, nos próprios termos de Ducrot (2016), o “átomo semântico”, visto que, fora da relação estabelecida entre dois metapredicados, *palavras* e *frases* contêm apenas uma *significação*, isto é, um conjunto de instruções dadas àqueles que buscam interpretar o *sentido* dos *enunciados* e dos *discursos*. Desse modo, o mundo físico é tomado argumentativamente pelo locutor, que, a cada encadeamento efetuado via enunciação no discurso, também trata de “impor aos outros uma espécie de apreensão argumentativa da realidade” (Ducrot, 1990, p. 14, tradução nossa).

Os constituintes discursivos comportam, assim, o que Carel (2012) chamou de “motivo argumentativo”, pois permitem evocar encadeamentos aos quais se associam aspectos argumentativos. É o que se pode verificar, por exemplo, no início de *Claude Gueux*:

Num inverno, o trabalho faltou. Nada de fogo nem pão no sótão. O homem, a moça e a criança passaram frio e fome. O homem roubou. Eu não sei o que ele roubou, eu não sei onde ele roubou. O que eu sei é que desse roubo resultaram três dias de pão e de fogo para a mulher e a criança, e cinco anos de prisão para o homem (Hugo, 2017, p. 11, tradução nossa).

Esse pequeno excerto discursivo constitui um motivo argumentativo porque, segundo a TBS, permite evocar um encadeamento como *roubou pequena quantidade, no entanto sofreu grande punição*, ao qual se pode associar um aspecto como PEQUENO DELITO PT GRANDE PUNIÇÃO. Sem referência externa à língua, cabe ao discurso determinar o conceito, isto é, o significado do signo linguístico. Até mesmo palavras que geralmente se relacionam por antonímia, a exemplo de *céu* e *inferno*, podem ser tomadas uma pela outra, dependendo do entrelaçamento argumentativo que constituem em nível discursivo. Para a TBS, portanto, a *significação* e o *sentido* não fazem referência a objetos do mundo físico, mas são construções

de linguagem ancoradas no princípio saussuriano do “arbitrário” e na tese de que “a língua é forma, não substância”, bem como nas “noções de relação” e de “valor”, todas as quais, combinadas, permitem explicar, de forma coesa e coerente, o funcionamento semântico-argumentativo da língua no discurso.

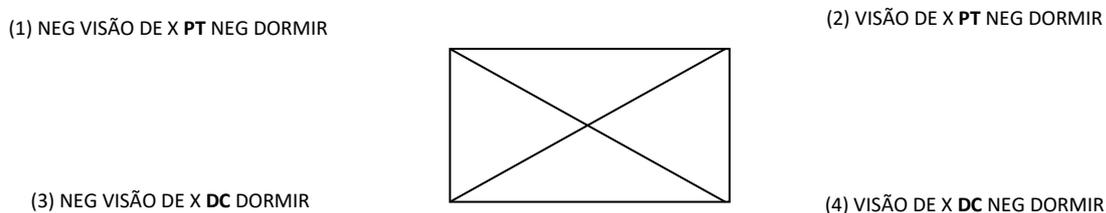
Reconstituído esse primeiro percurso de Ducrot e Carel na e pela linguística de Saussure, passa-se à apresentação de uma análise de um miniconto, com o objetivo de elucidar a presença dos referidos princípios saussurianos na investigação semântico-argumentativa. Escolheu-se o miniconto *A noite/1*, presente em *O livro dos abraços*, de Galeano (2012):

**A noite/1**

*Não consigo dormir. Tenho uma mulher atravessada entre minhas pálpebras. Se pudesse, diria a ela que fosse embora; mas tenho uma mulher atravessada em minha garganta* (Galeano, 2012, p. 90).

O primeiro procedimento de análise do sentido dos enunciados do discurso consiste em evocar os encadeamentos normativos e/ou transgressivos que o parafraseiam. Nesse discurso em foco, podem ser evocados dos primeiros enunciados o encadeamento normativo: (1) *Ter mulher atravessada entre as pálpebras, portanto não conseguir dormir*; e, dos enunciados seguintes, o encadeamento transgressivo (2) *Desejar dizer para ir embora, no entanto ter uma mulher atravessada na garganta*, aos quais podem ser associados, respectivamente, os aspectos ou esquemas argumentativos VISÃO DE X DC NEG DORMIR e DESEJAR AFASTAMENTO DE X PELO DIZER PT NEG CONSEGUIR DIZER. Como os encadeamentos evocados não são linguisticamente prefigurados pelos aspectos que concretizam – conforme explicam Carel (2017) e Gomes (2020) –, o sentido dos enunciados é “decalado”. O que se pode notar, desse modo, é que o sentido desse “discurso artístico” (Gomes, 2020) se constitui, essencialmente, no interior de dois blocos semânticos doxais, ambos representáveis nos seguintes quadrados argumentativos:

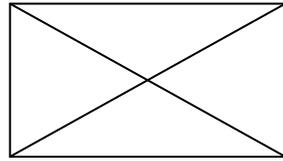
Figura 1 – Bloco semântico que relaciona **visão-de-x** a **não-dormir**



Fonte: Quadrado argumentativo fundamentado em Carel e Ducrot (2005, p. 34).

Figura 2 – Bloco semântico que relaciona **desejar-afastamento-de-x-pelo-dizer** a **conseguir-dormir**

(1) DESEJAR AFASTAMENTO DE X PELO  
DIZER PT NEG CONSEGUIR DIZER



(2) NEG DESEJAR AFASTAMENTO DE X PELO  
DIZER PT CONSEGUIR DIZER

(3) NEG DESEJAR AFASTAMENTO DE X PELO  
DIZER DC NEG CONSEGUIR DIZER

(4) DESEJAR AFASTAMENTO DE X PELO DIZER  
DC CONSEGUIR DIZER

Fonte: Quadrado argumentativo fundamentado em Carel e Ducrot (2005, p. 34).

As relações que se estabelecem entre os aspectos contidos na significação das frases que originam o sentido dos enunciados são de reciprocidade (entre 3 e 4 e entre 1 e 2), de conversão (entre 1 e 4 e entre 2 e 3) e de transposição (entre 1 e 3 e entre 2 e 4). Tais relações não se estabelecem segundo as leis da lógica formal, mas de acordo com a lógica própria do funcionamento das línguas naturais. Dessas relações, fica de fora o que Gomes (2020, p. 203) chamou de “artisticidade semântico-argumentativa” do discurso, cujo fenômeno tem o “enunciado” como seu lugar por excelência. A metalinguagem empregada pelo linguista semanticista tende a desfazer as elaborações artísticas – notadamente o estilo impresso pelo locutor no discurso –, com o objetivo de descrever e explicar a significação das frases pelas quais os enunciados se concretizam.

Com isso, os elementos semânticos que vêm do que é suprasegmental não intervêm, diretamente, na descrição e na explicação semântico-argumentativa. Nem mesmo o estilo que caracteriza um autor e outro deve interferir nesse tipo de pesquisa, uma vez que, para Ducrot e Carel, o que interessa não é, por exemplo, por que Pedro disse x, mas sim o que Pedro disse, isto é, o “dito”. O “como” Pedro disse o que disse tem constituído os interesses das pesquisas de Gomes desde sua tese (2020). O trabalho que Gomes vem desenvolvendo em seu grupo de pesquisa, intitulado *Semântica, argumentação e discurso artístico*, já tem dado respostas importantes para a área, muitas das quais vão ao encontro dos estudos atuais de Marion Carel em torno da relação entre “langue de bois” (“língua de madeira”, em tradução livre para o português) e “poesia”. As investigações semânticas que Vitor Turba tem feito a partir de poemas de Manoel de Barros também têm apontado para resultados interessantes do ponto de vista da interferência da “maneira de dizer” na construção do conteúdo semântico-argumentativo do “dito” e, principalmente, na mudança de orientação argumentativa dos enunciados. Tais pesquisas se inscrevem em um projeto maior: o de examinar as continuidades estruturais de enunciados que comportam “figuras de retórica”. Os aspectos argumentativos, nesse caso, tendem a desfazê-las, conforme já apontado por Gomes (2020), mas existem orientações argumentativas que vêm da própria significação da frase, cuja consequência final é, em muitos casos, a produção de aspectos argumentativos contextuais.

Para finalizar a análise do miniconto em foco, é importante salientar que a significação do título *A noite/1* orienta para continuidades negativas de “noite”. Formam-se, assim,

argumentações externas à direita (AE à direita)<sup>5</sup> de “noite”, do tipo de (1) *Noite, no entanto não conseguir dormir* e (2) *Noite, no entanto não conseguir esquecer*.

Convém lembrar que a TBS é uma teoria desenvolvida especialmente em cima dos entrelaçamentos argumentativos do “dito”, em nível de enunciado e de discurso, sem levar em conta fenômenos suprasegmentais. Ao assumir a tese de que o significado do signo tem origem em um aspecto argumentativo, Ducrot (2016) não vê como uma *figura de retórica* – ao conceber uma relação entre dois objetos extralinguísticos – poderia reunir o sentido próprio de uma palavra a seu sentido figurado. Sob essa perspectiva, uma palavra como *porta* – tanto num uso banal, “próprio”, como *Maria fechou a porta do carro*, quanto num emprego dito “figurado”, a exemplo de *Maria é a porta do paraíso* – deve ser parafraseável por um aspecto argumentativo como SEPARAÇÃO PT ACESSO. Isso quer dizer que uma descrição dessa natureza, conforme explica Ducrot (2016), permite realizar o programa saussuriano de uma Semântica Linguística stricto sensu. Isso porque a língua abstrai características particulares para instaurar categorias gerais. A significação do signo, por conseguinte, não espelha o mundo físico, mas expressa uma conceptualização do locutor em prol da construção de um mundo de sentido produzido no universo da linguagem.

### Enunciação e polifonia

Nesta segunda seção<sup>6</sup>, embora de forma bastante resumida, procura-se mostrar a face enunciativa da Semântica Argumentativa por meio da Teoria Polifônica da Enunciação (TPE). Realiza-se, assim, um resgate de noções fundamentais para não se fugir dos propósitos deste artigo e para não se fazer um mergulho muito profundo em questões enunciativas, já que a ênfase, neste caso, deve-se dar ao caráter autorreferencial e argumentativo da língua.

No capítulo intitulado *Estruturalismo e enunciação*, Ducrot (1977, p. 292) afirma explicitamente que, em termos saussurianos, “o objeto teórico *língua* não pode ser construído sem se fazer alusão à atividade da *fala*”. Isso significa que, para Ducrot, a *língua (langue)* contém uma referência àquilo que, para Saussure, constitui a *fala (parole)*. Nos próprios termos do autor, uma “linguística da língua é impossível se não for também uma linguística da fala” (1987, p. 63)<sup>7</sup>. Desse modo, a descrição semântica de uma língua – definida por Ducrot como um “conjunto de frases” – não pode ser finalizada se não mencionar, desde o início, determinados aspectos da atividade linguística realizada graças a essa língua. Todo esse método empregado por Ducrot desde seus trabalhos dos anos 1960 evoca, sem dúvida, a *Nota sobre o discurso*, de Saussure (2012 [2002], p. 235), especialmente o seu enunciado

<sup>5</sup> Para mais esclarecimentos sobre as noções de “argumentação externa” e de “argumentação interna”, consultar o capítulo de Gomes e Dall’Cortivo Lebler (2021, p. 89-103).

<sup>6</sup> Partes desta seção teórica se encontram em vias de publicação no artigo do autor intitulado *Do sentido à significação: um percurso metodológico de análise de dados em Semântica Argumentativa* (no prelo, na revista *Línguas & Instrumentos Linguísticos*). Entretanto, elas foram retrabalhadas neste texto, considerando-se a sua importância para a discussão teórica aqui proposta.

<sup>7</sup> Isso porque “as palavras da língua contêm nelas, como parte integrante de sua significação, dispositivos que permitem representar, na medida em que são utilizados, o discurso que as utiliza” (Ducrot, 2005, p. 14).

introdutório, segundo o qual “a língua só é criada em vista do discurso”.

Segundo Ducrot (1991), a *interpretação* é o meio pelo qual o linguista semanticista acessa seu verdadeiro objeto, a saber: a *significação*. Para entender melhor como isso acontece, podem ser observados os pares conceituais apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1 – Pares conceituais oriundos da ANL

SISTEMA	USO
<b>NÍVEL ELEMENTAR</b> Frase → entidade teórica construída pelo linguista	<b>NÍVEL ELEMENTAR</b> Enunciado → entidade empírica, observável
<b>NÍVEL COMPLEXO</b> Texto → sequência linear de frases	<b>NÍVEL COMPLEXO</b> Discurso → sequência linear de enunciados
<b>Significação</b> → valor semântico fora de emprego (feixe de instruções para a interpretação do enunciado)	<b>Sentido</b> → valor semântico em emprego (descrição, representação da enunciação)
<b>Não se vê e não se ouve – nível abstrato.</b>	<b>Se vê e se ouve – nível concreto.</b>

Fonte: Definições estabelecidas por Ducrot (1987, 1990).

Note-se que o discurso é feito de segmentos menores chamados “enunciados”, isto é, entidades que aparecem num lugar e num momento dados e que não são, por isso mesmo, repetíveis. Conforme explica Ducrot (1987, 1991), os diferentes enunciados podem realizar uma mesma entidade abstrata, geralmente denominada, na gramática da língua, como *frase*. Isso quer dizer que, antes do trabalho linguístico, não há nem intuição nem construção daquilo que poderia ser a significação da frase. Portanto, esse valor semântico chamado *significação* só pode ser um ponto de chegada e nunca um ponto de partida – um dado, um fato – para a pesquisa.

Desse modo, de acordo com Ducrot (1991), o ponto de partida do linguista se dá sempre pela interpretação de cada locutor, e a tarefa do semanticista consiste em tentar descobrir, detrás das múltiplas interpretações, um valor semântico ligado aos elementos que constituem a frase – como morfemas, palavras e construções sintáticas –, valor semântico este cuja existência e natureza devem se justificar ao se mostrar que ele ajuda a compreender por que tais interpretações poderiam ser dadas ao enunciado e não outras. Com isso, o linguista descobre as leis segundo as quais os valores se combinam para constituir as significações das frases.

No artigo intitulado *A pragmática e o estudo semântico da língua*, Ducrot (2005) faz um importante esclarecimento em relação a dois empregos da palavra “pragmática” em ciências da linguagem. Numa primeira acepção, são chamados *pragmáticos* todos aqueles aspectos semânticos de um discurso que não são diretamente previsíveis a partir de sua

estrutura linguística, isto é, a partir das combinações de palavras que o constituem. *Pragmática*, nesse caso, é quase sinônimo de *contextual*. É o caso, por exemplo, do emprego do *artigo definido* em um enunciado como “O carro está na rua”. É necessário, segundo Ducrot (2005), conhecer a situação em que o enunciado foi produzido para se ter certeza a que “carro” o enunciado está fazendo referência. Numa segunda acepção, são *pragmáticas*, no sentido de um enunciado, todas as informações que o enunciado dá sobre as atitudes do locutor e sobre as relações que elas estabelecem com seus interlocutores. Podem-se citar, por exemplo, os enunciados “Faz calor no Cairo” e “Que calor faz no Cairo!”, os quais, do ponto de vista informacional, quase não se diferem, mas, do ponto de vista enunciativo, distinguem-se significativamente. Explica Ducrot (2005, p. 12) que “o enunciado exclamativo apresenta sua própria enunciação como o efeito de uma experiência pessoal do locutor ou como um tipo de reação desencadeada no locutor”. Isso significa que,

Nos dois casos, percebe-se que a distinção saussuriana entre a língua e seu emprego (isto é, a *fala*) separa unicamente dois centros de interesse diferentes. Podemos nos interessar pela diversidade dos efeitos produzidos (essa é a escolha inerente ao projeto de analisar o discurso), ou pelo valor permanente das palavras a partir das quais esses efeitos são produzidos (essa é a escolha lingüística propriamente dita). Contudo, nenhuma dessas escolhas pode ignorar o fenômeno da enunciação. O analista do discurso descreve as enunciações *reais*, o lingüista, procurando descrever as palavras, descreve nelas as indicações relativas à sua *possível* enunciação (Ducrot, 2005, p. 14).

Assim, para que essas duas acepções dadas à palavra “pragmática” sejam respeitadas do ponto de vista metodológico, em especial, também é preciso que se observe que a “significação” é o valor semântico da *frase* e do *texto* – valor este pertencente ao domínio da língua, cujo papel é central em Semântica Argumentativa – e que o “sentido” é o valor semântico que um ouvinte atribui ao *enunciado* e ao *discurso*. Trata-se de uma interpretação que o ouvinte atribui a essas entidades concretas, independentemente de estar envolvido ou não na cena de enunciação. Dessa forma, de acordo com Ducrot (1991), a situação discursiva é sempre ilimitada e inesgotável. Por conseguinte, não pode intervir em sua totalidade na constituição do sentido.

É importante salientar que a centralidade da *enunciação* esteve presente nos trabalhos de Ducrot desde os anos 1970. No artigo *Les indéfinis et l'énonciation*, por exemplo, Ducrot (1970) já sustentava que a *enunciação* faz parte do sentido do enunciado. O linguista pontuava, nesse texto (1970), que o sentido de *alguns*, de *uns*, de *eu* – assim como do tempo *presente* – comporta um chamado à enunciação. Seis anos depois, Anscombe e Ducrot (1976), nessa mesma linha, defendem que a enunciação é uma atividade de linguagem exercida pelo locutor no momento de fala. E, em 1983, os linguistas (p. 36) acrescentam que “a enunciação é um acontecimento histórico”, notadamente “evanescente”. Nunca se reproduz, portanto, de forma idêntica.

Isso porque, a cada enunciação, uma *frase* da língua se transforma em *enunciado* em nível de *uso*. Entretanto, todo psicologismo ou logicismo possível é subtraído do conceito

ducrotiano de *enunciação*. Logo, a enunciação desempenha um papel primordial na própria definição de *sentido*. Segundo Ducrot *et al.* (1980), a Linguística da Enunciação deve ter por objetivos descrever e explicar as operações implícitas na atividade de fala.

O sentido de um enunciado, entendido por Ducrot *et al.* (1980, p. 34, tradução nossa) como “uma descrição, uma representação que ele traz da sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado”, concebe o enunciado como produzido por um sujeito. A ideia fundadora dessa Semântica da Enunciação é a de que todo enunciado – até mesmo o que tem uma aparência mais objetiva, como (1) *A terra é redonda* – faz alusão à sua enunciação. Contudo, em entrevista concedida a L. Gomes, Carel (2019, p. 226-227) traz um importante esclarecimento sobre o conceito ducrotiano de “enunciação”. Explica a autora que é preciso que se distinga a “enunciação material ou atual” da “enunciação linguística”. A primeira tem o sujeito falante – um sujeito empírico – como responsável. Por constituir um acontecimento histórico, essa enunciação tem lugar e momento dados e pode ser oral ou escrita. Já a segunda tem o locutor – ser de linguagem – como responsável. Logo, seu responsável não pode existir no mundo real, não é ele que dá materialidade ao enunciado. Por exemplo, “um enunciado como ‘*beba-me muito fresco*’, escrito sobre uma garrafa de suco de laranja, tem por locutor o suco de laranja: é ele quem diz dar um conselho, embora, é claro, não seja o sujeito falante” (Carel; Gomes, 2019, p. 226).

Convém destacar que, desde o livro *Les mots du discours* (1980) – em cujo primeiro capítulo a palavra *polifonia* aparece pela primeira vez em Semântica Argumentativa –, Ducrot desenvolve sua *perspectiva enunciativa* a partir da noção de *polifonia linguística*. Para o autor, a *polifonia* – diferentemente da acepção que possui nos estudos bakhtinianos em torno do romance de Dostoiévski, por exemplo – funciona como uma ferramenta explicativa de um fenômeno entendido como um *diálogo cristalizado* no enunciado. Trata-se de uma noção cujo objetivo é rejeitar o consenso das semânticas clássicas em relação à *unicidade do sujeito falante*. Por isso, a TPE, conforme mostra Oliveira (2012), também pode ser chamada de Semântica da Enunciação.

Fazendo parte da família de teorias da enunciação, a TPE propõe-se a sustentar que o “autor de um enunciado” nunca se expressa diretamente – de acordo com a crença dos linguistas da época, quando falavam de *sujeito falante*, de *locutor*, de *orador* etc. –, mas põe em cena, no interior de todo e qualquer enunciado, um certo número de “personagens” que se confrontam para produzir *sentido*. Tais “personagens” encenados no enunciado são o *locutor* (responsável pela atividade de linguagem assumida no enunciado<sup>8</sup>) e o *enunciador* (origem do ponto de vista apresentado pelo locutor). Na categoria extralinguística, está o *sujeito empírico* ou *sujeito falante* (produtor do enunciado e autor da escolha das palavras e de sua organização gramatical), o qual não é objeto de estudo do semanticista. Por isso,

---

<sup>8</sup> Importante observar que, na versão standard da TPE (Ducrot, 1980, 1987), a identificação das marcas de primeira pessoa no enunciado era condição para o reconhecimento de um “locutor”. Porém, na versão contemporânea da polifonia, isto é, na chamada Teoria Argumentativa da Polifonia (Carel, 2011), tal obrigatoriedade é completamente abandonada. Entende-se, hoje, que todo e qualquer enunciado tem um “locutor”.

somente as duas primeiras noções são de interesse da TPE. O *sujeito empírico*, para Ducrot (1990), é de maior interesse dos sociolinguistas e dos psicolinguistas, que se perguntam, por exemplo, *o porquê* de o sujeito X ter dito o que disse. O que importa, de fato, para o pesquisador que assume essa perspectiva teórica é *o que* disse o sujeito X, ou seja, *o dito*.

A TPE considera como polifônicos os fenômenos linguístico-discursivos, como o *discurso direto*, a *negação*, a *ironia*, o *humor*, a *pressuposição*, o uso de *mas* etc. Assim, por exemplo, o locutor de (1) *Pedro parou de fumar* coloca em cena dois enunciadores: um E1 que garante o conteúdo *pressuposto* – “Pedro fumava” – e um E2 com o qual se identifica e, por isso mesmo, garante o conteúdo *posto*, a saber: “Pedro não fuma atualmente”.

Um segundo exemplo de fenômeno polifônico pode ser a negação “polêmica”, perceptível num enunciado como (2) *Você não é preguiçoso, Pedro!* Num enunciado como esse, pode-se observar que a presença da negação não impede que o destinatário se sinta um pouco ofendido. Acontece que a negação desse conteúdo sugere que alguém possa ter dito ou acreditado no conteúdo positivo correspondente, ou seja, que *Pedro é preguiçoso*.

Na segunda conferência de *Polifonía y Argumentación*, Ducrot (1990) também examina um enunciado como (3) *Sim, faz tempo bom, mas me doem os pés*, empregado em resposta a um convite a passeio que deveria se justificar em razão de “tempo bom”. Segundo a análise do linguista, pode-se identificar a existência de quatro enunciadores nesse enunciado: do **E1**, que apresenta o ponto de vista de que “Faz tempo bom”; do **E2**, que – extraído como uma conclusão do E1 – apresenta um ponto de vista do tipo de “passear”; do **E3**, que apresenta o ponto de vista de que “me doem os pés”; e do **E4**, que – extraído como uma conclusão do E3 – apresenta um ponto de vista como “não passear”. Em relação ao E1, a posição do locutor é de aprovação; em relação ao E2, de rejeição; e, em relação ao E3 e ao E4, de identificação. Logo, o locutor assimila o E1 e o E2 ao alocutário e, finalmente, recusa o convite ao passeio, conforme pode se verificar a seguir:

Quadro 2 – Análise polifônica do “mas” de oposição indireta

Sim, faz tempo bom,	mas me doem os pés
<b>E1:</b> faz tempo bom (pdv aprovado pelo locutor)	<b>E3:</b> me doem os pés (pdv identificado com o locutor)
<b>E2:</b> [portanto] passear (pdv rejeitado pelo locutor)	<b>E4:</b> [portanto] não passear (pdv identificado com o locutor)

Fonte: Quadro teórico-analítico fundamentado em Ducrot (1990) e Carel (1995).

Da análise desse tipo de enunciado com “mas”, Ducrot (1990) concluiu que a primeira instrução dada pela significação de sua frase é a que orienta o interpretante para a construção de quatro enunciadores e a segunda é a que conduz o interpretante a encontrar não só as posições do locutor em relação aos quatro enunciadores mas também, nesse caso, os limites

dos pontos de vista apresentados por E2 e por E4. Ao estudar a natureza argumentativa do “mas” – no domínio da TBS –, Carel (1995) diferenciou o articulador “mas” de *oposição indireta*, claramente exemplificado por esse enunciado de Ducrot (1990), de um articulador “mas” de *oposição direta*, como o de um enunciado do tipo (4) *Faz tempo bom, mas não vou passear*. Note-se que, ao se analisar esse tipo de enunciado pela perspectiva da TPE, poder-se-á observar a impossibilidade de se extrair, a partir de E3, um quarto enunciador. Daí a existência de apenas três enunciadores e, também, o fato de a oposição ter sido denominada de direta neste caso e de indireta naquele. Confira-se:

Quadro 3 – Análise polifônica do “mas” de oposição direta

Sim, faz tempo bom,	mas não vou passear
<b>E1:</b> faz tempo bom (pdv aprovado pelo locutor)	<b>E3:</b> não vou passear (pdv identificado com o locutor )
<b>E2:</b> [portanto] passear (pdv rejeitado pelo locutor)	<b>E4:</b> ∅

Fonte: Quadro teórico-analítico fundamentado em Ducrot (1990) e Carel (1995).

Ainda na segunda conferência de *Polifonía y Argumentación*, Ducrot (1990) sistematiza que o sentido de um enunciado é constituído por três elementos: i) a apresentação dos pontos de vista dos diferentes enunciadores; ii) a indicação da posição do locutor em relação aos enunciadores (*identificação, aprovação ou oposição*), e iii) a *assimilação* dessas atitudes ao próprio locutor ou a outros enunciadores. Disso se pode afirmar que o *locutor* – sujeito de linguagem responsável pelo conteúdo do enunciado – nunca é um ser passivo, desprovido de posicionamento, como alguns críticos de Ducrot e das teorias da enunciação, em geral, quiseram sugerir<sup>9</sup>.

## Conclusão

Retraçado um “caminho” que Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot e, depois, Marion Carel trilharam na linguística saussuriana para a construção de seu quadro teórico – hoje denominado “Semântica Argumentativa” –, espera-se ter conseguido deixar claro que, embora alguns postulados de Saussure tenham sido abandonados por Ducrot e colaboradores, os princípios do *arbitrário linguístico*, da *relação* (associativa e, principalmente, *sintagmática*) e do *valor linguístico* não podem ser esquecidos, sob pena de serem desenvolvidas pesquisas semântico-argumentativas questionáveis desde a sua origem.

<sup>9</sup> Lembre-se, aqui, por exemplo, das duras e injustas críticas que seguem Paul Henry (2013) em seu livro *A ferramenta imperfeita*, as quais podem ser completamente abandonadas ao se ler com atenção o próprio posfácio de Ducrot, intitulado *Notas sobre a pressuposição e o sentido literal*, nesse mesmo livro.

Ora, quem efetivamente conhece *O dizer e o dito* – obra de Ducrot (1987) que pode ser considerada a *vulgata* da área no Brasil – entende que, na base da chamada *linguística autônoma* de Ducrot e Carel, está “o princípio saussuriano do arbitrário lingüístico, princípio geral de que o arbitrário do signo é somente uma aplicação particular” (Ducrot, 1987, p. 68). Segundo essa perspectiva, então, deve-se atribuir à ordem linguística o princípio de todo estudo semântico e enunciativo. Ducrot (1987, p. 72) procurou introduzir a “fala na língua”, a “enunciação no enunciado”, a partir da proposição de que o “domínio da enunciação exige, ao menos num certo nível, uma descrição autônoma (arbitrária no sentido de Saussure) que revele em si uma inteligibilidade interna”.

Pôde-se verificar, ao longo da primeira seção deste artigo, que a TBS reintroduziu a coerência autorreferencial da língua no interior da Semântica Argumentativa. Ao se sustentar que é da interdependência semântica estabelecida entre dois metapredicados que surge o bloco semântico, descarta-se a necessidade de se recorrer a crenças sociais, extralinguísticas – conforme se fizera durante a Teoria dos Topoi – para a realização do cálculo do sentido dos enunciados. A TBS defende que, pelos encadeamentos argumentativos (normativos e transgressivos), descreve-se o *sentido* dos *enunciados* e, pelos aspectos ou esquemas argumentativos (normativos e transgressivos), descreve-se a *significação* das *frases*. Também foi possível observar que, em discursos artísticos, como o miniconto de Galeano, há recorrência de aspectos *decalados*. Nesses casos, o linguista se aproxima dos limites do sentido na linguagem, visto que precisa efetuar interpretações mais aprofundadas dos enunciados para chegar à descrição e à explicação da significação de suas frases.

Já na segunda seção teórica, pôde-se conhecer a face enunciativa da Semântica Argumentativa. Aqui, também ficam evidentes as noções saussurianas de *língua (langue)*, *fala (parole)* e a chamada *indissociabilidade língua-fala* relacionadas a um estudo semântico e enunciativo da linguagem. Enquanto a TBS revela a notoriedade das noções saussurianas de *relação sintagmática* e de *valor*, bem como o princípio do *arbitrário lingüístico*, a TPE salienta as noções saussurianas de *língua* e *fala*, bem como – da mesma forma que a TBS – o princípio do *arbitrário lingüístico* na constituição de uma *linguística autônoma*.

Ao jovem pesquisador que está se introduzindo nos estudos e pesquisas em Semântica Argumentativa, o recado que fica é a necessidade de um mergulho aprofundado na linguística saussuriana antes de se voltar à operacionalização de suas análises semântico-argumentativas. Um conhecimento sólido dos trabalhos de Saussure poderá protegê-lo de possíveis equívocos, tanto de cunho epistemológico quanto de ordem teórico-metodológica. Portanto, na esteira do que procurou sustentar a linguista brasileira Leci Borges Barbisan ao longo de sua carreira profissional, aconselha-se estudar Ducrot e Carel depois de se ter bem compreendido Ferdinand de Saussure.

## Referências

- ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga, 1983.
- BARBISAN, Leci Borges. A construção de uma semântica linguística. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *O efeito Saussure – cem anos do Curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 155-165.
- BARBISAN, Leci Borges. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 163-170.
- CAREL, Marion. Introduction. In: CAREL, Marion. (Org.). *Argumentation et polyphonie: de Saint Augustin à Robbe-Grillet*. Paris: L'Harmattan, 2012. p. 7-58.
- CAREL, Marion. *L'Entrelacement argumentatif*. Lexique, discours et blocs sémantiques. Paris: Éditions Honoré Champion, 2011.
- CAREL, Marion. Pourtant: argumentation by exception. *Journal of Pragmatics*, v. 24, n. 1-2, p. 167-188, 1995.
- CAREL, Marion. Significação e argumentação. Tradução de Cristiane Dall'Cortivo Lebler. Revisão da tradução de Leci Borges Barbisan. *Signo*, v. 42, n. 73, p. 02-20, 2017.
- CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Edição de María Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- CAREL, Marion; GOMES, Lauro. A Semântica Argumentativa de nossos dias: questões ligadas às noções de língua, discurso, sentido e enunciação. *Signo*, v. 44, n. 80, p. 214-230, 2019.
- DUCROT, Oswald *et al.* *Les mots du discours*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- DUCROT, Oswald. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 1, p. 9-22, 2005.
- DUCROT, Oswald. A semântica argumentativa pode filiar-se a Saussure ? Tradução : Lauro Gomes e Alessandra da Silveira Bez. In: CAVALCANTE, M. M. ; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Texto, discurso e argumentação: traduções*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 297-315.
- DUCROT, Oswald. *Dire et ne pas dire: Principes de sémantique linguistique*. 3. ed. Paris: Hermann éditeurs des sciences et des arts, 1991.
- DUCROT, Oswald. *Dizer e não dizer*. Princípios de semântica lingüística. São Paulo: Cultrix, 1977.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y Argumentación*. Conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso. Tradução de Ana Beatriz Campo e Emma Rodríguez C. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. *O intervalo semântico*. São Paulo: Ateliê Editorial/Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

DUCROT, Oswald. Présentation de la Théorie des Blocs Sémantiques. *Verbum*, v. 38, n. 1-2, p. 53-65, 2016.

DUCROT, Oswald; BIGLARI, Amir. *Os riscos do discurso: encontros com Oswald Ducrot*. Tradução de Leci Borges Barbisan e Lauro Gomes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

DUCROT, Oswald; SCHAEFFER, Jean-Marie. *Nouveau dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*. Paris: Seuil, 1995.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GOMES, Lauro. *Discurso artístico e argumentação*. Prefácio de Marion Carel. Campinas: Pontes Editores, 2020.

GOMES, Lauro; DALL’CORTIVO LEBLER, Cristiane. Os conceitos de aspecto (normativo e transgressivo), e de argumentação (interna e externa). In: BEHE, L.; CAREL, M.; DENUC, C.; MACHADO, J. C. (Orgs.). *Curso de semântica argumentativa*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2021. p. 89-103.

HENRY, Paul. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Tradução de Maria Fausta Pereira de Castro; com um posfácio de Oswald Ducrot. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

HUGO, Victor. *Claude Gueux*. Paris: Éditions Belin/Gallimard, 2017.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 2. São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-54.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Linguística Geral*. Organizado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012 [2002].

STAROBINSKI, Jean. *Les mots sous les mots. Les annagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard, 1971.

Recebido em: 02/04/2023.

Aceito em: 02/07/2023.